



ESTÁGIO DE DOCÊNCIA E LEITURA DE IMAGENS NO CURSO DE ARTES VISUAIS DA UFPB

TEACHING ASSISTANCE AND IMAGE READING OF UFPB'S VISUAL ARTS COURSE

Robson Xavier da Costa¹
Universidade Federal da Paraíba

Marinês Salviano Alves²
Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

Este artigo objetiva analisar a contribuição do estágio de docência na disciplina “Leitura de Imagens” para a formação dos estudantes do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. A pesquisa tem caráter qualitativo (MINAYO, 2010), com estudo de caso (YIN, 2010), e foi desenvolvida no período de março a junho de 2016, com o uso de técnicas de observação participante e aplicação de questionários aos discentes. Considerando a importância da formação técnica e dos conhecimentos sobre leituras de imagens para o artista/educador/pesquisador, compreendemos a disciplina como eixo estruturante para a formação do estudante que vai lidar, no cotidiano, com a produção artística e a teoria da arte e/ou atuar como educador em artes visuais. A disciplina ‘Leitura de Imagens’ tem carga horária de 45h, com três créditos, e apresenta uma introdução à semiótica visual (PIETROFORTE, 2004), à Teoria da Gestalt (GOMES FILHO, 2008), à iconografia e à iconologia (PANOFSKY, 1995). Os resultados apontaram que é necessário aprofundar os estudos teóricos e práticos sobre leituras de imagens no Curso de Artes Visuais. Noventa por cento dos arguidos afirmaram que gostariam de continuar estudando técnicas de pesquisa sobre o assunto e identificaram a aplicabilidade dos conteúdos em diferentes áreas.

Palavras-chave: Artes Visuais. Estágio Docência. Leitura de imagens.

¹ Professor efetivo Adjunto II do Departamento de Artes Visuais – DAV - da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Licenciado em Educação Artística - Artes Plásticas (UFPB - 1993). Mestre em História (UFPB - 2007), Sociologia (UFPB/CEFET - 1997) e Educação Especial (UFPB - 1995). Doutor em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/UFRN - 2014). Coordenador do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba/Universidade Federal de Pernambuco e Coordenador da Pinacoteca da UFPB. Líder do Grupo de Pesquisa em Arte, Museus e Inclusão (GPAMI), credenciado pelo CNPq. E-mail: robsonxavierufpb@gmail.com

² Professora do ensino de Artes Visuais. Licenciada em Educação Artística - Artes Plásticas (UFPB - 2000). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Especialista em Educação, Desenvolvimento e Políticas Educativas (2012). Especialista em Psicopedagogia (2003). E-mail: marines-alves@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O Estágio de Docência, como discente do Mestrado em Artes Visuais, no Curso de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na disciplina ‘Leitura de Imagens’, realizada no semestre 2015.2 e ministrada pelo Prof. Dr. Robson Xavier da Costa, é o objeto de estudo deste artigo, cujo objetivo é de analisar a contribuição desse tipo de estágio para a formação dos estudantes dos Cursos de Pós-graduação e de Graduação em Artes Visuais. A pesquisa tem caráter qualitativo (MINAYO, 2010), com estudo de caso (YIN, 2010), e foi desenvolvida no período de março a junho de 2016, com o uso de técnicas de observação participante e aplicação de questionários com os discentes.

Considerando a importância da formação técnica e dos conhecimentos sobre leitura de imagens para o artista/educador/pesquisador, compreende-se que a disciplina representa um eixo estruturante para a formação do estudante que vai lidar cotidianamente com a produção artística e a teoria da arte e/ou atuar como educador em artes visuais. Nesse sentido, a disciplina curricular e obrigatória ‘Leitura de Imagens’, cuja carga horária é de 45 horas, corresponde a três créditos e apresenta uma introdução aos conhecimentos sobre Semiótica Visual (PIETROFORTE, 2004), Teoria da Gestalt (GOMES FILHO, 2008), iconografia e iconologia (PANOFSKY, 1995).

Nessa perspectiva, o objetivo deste estudo foi de analisar o papel do Estágio de Docência nos cursos de licenciatura, considerando a importância da formação técnica e dos conhecimentos sobre a leitura de imagens para o artista/educador/pesquisador. Compreende-se que essa disciplina serve como eixo estruturante para a formação do estudante que vai lidar com a produção artística e a teoria da arte e/ou atuar como educador na área de Artes Visuais e poderá contribuir para que ele construa sua identidade como futuro professor dessa disciplina.

A intenção de estudar o Estágio de Docência como objeto de pesquisa decorreu da necessidade de refletir sobre a formação de professores como um projeto próprio. O estágio de docência é a parte prática dos cursos de pós-graduação, amparada pelo aprendizado teórico abordado ao longo da formação acadêmica. É preciso encará-lo e, principalmente, investigar a possibilidade de se fazer uma intervenção em um espaço em que a teoria seja aplicada à prática docente no espaço de atuação da universidade, considerando que nosso vínculo no PPGAV UFPB/UFPE é a Linha de Pesquisa Ensino de Artes Visuais no Brasil.

2 ESTÁGIO DE DOCÊNCIA: DA TEORIA À PRÁTICA

No âmbito acadêmico, o Estágio de Docência deve auxiliar o estudante de pós-graduação tanto em sua formação profissional quanto para que ele conheça a realidade da Universidade. Segundo Tardif (2002, p. 22), pode-se afirmar que “[...] aprender a profissão docente, no decorrer do estágio, supõe estar atento às particularidades e às interfaces da realidade escolar em sua contextualização na sociedade [...]”.

Também se percebe que, nos cursos de pós-graduação, os alunos demonstram dificuldade de estabelecer relações entre os conteúdos estudados e sua aplicabilidade. Contudo, é relevante situar que as teorias permitem embasar as ações, estabelecer confiança a respeito da prática pedagógica e oferecer os esquemas mentais para que os estudantes compreendam bem mais os futuros processos de aprendizagem. Corroborando esse posicionamento, Pimenta e Lima (2004, p. 37) afirmam que “[...] a prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão podem reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática [...]”.

A competência que o artista/educador/pesquisador deve desenvolver, ao longo de sua ação docente, passa pelo ato de saber facilitar e mediar diferentes situações de saberes e de ensino. O estudante do Ensino Superior pode aprender estabelecendo relações com os conteúdos que lhe são apresentados e que precisa conhecer, respeitando os níveis cognitivos e estimulando o desenvolvimento de suas potencialidades.

O Estágio de Docência deve ser valorizado como um campo particular do conhecimento e de produção de saberes. Todavia,

[...] ao contrário do que se propugnava, não é uma atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida essa como atividade de transformação da realidade. Nesse sentido, o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, essa, sim, objeto da práxis. Ou seja, é no contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 45).

Há que se ressaltar que o papel da teoria é fundamental, por oferecer ao artista/educador/pesquisador em formação a possibilidade de propor novas perspectivas pedagógicas, de refletir sobre sua ação docente e analisá-la, com combinações que delineiem o contexto social, cultural e histórico das instituições onde atuará.

[...] Ser professor requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade, indagação teórica e

criatividade para encarar as situações ambíguas, incertas, conflituosas e, por vezes, violentas, presentes nos contextos escolares e não escolares. É da natureza da atividade docente proceder à mediação reflexiva e crítica entre as transformações sociais concretas e a formação humana dos alunos, questionando os modos de pensar, sentir, agir e de produzir e distribuir conhecimentos (PIMENTA; ANASTASIOU, 2011, p.14 -15).

Durante a formação vertical no Mestrado e/ou no Doutorado, o artista/educador/pesquisador tem poucas oportunidades de atuar na prática pedagógica. O Estágio de Docência, na Pós-Graduação *Stricto Sensu*, representa um espaço distinto para o conhecimento e a compreensão da realidade profissional de ensino nas Universidades.

[...] Na maioria das instituições de Ensino Superior, incluindo as universidades, embora seus professores possuam experiência significativa e mesmo anos de estudos em suas áreas específicas, predomina o despreparo e até um desconhecimento do que seja o processo de ensino – aprendizagem, pelo qual passam a ser responsáveis a partir do instante em que ingressam na sala de aula (PIMENTA; ANASTASIOU, 2011, p. 37).

O Estágio de Docência deve proporcionar aos estudantes artistas/educadores/pesquisadores oportunidade de conhecerem a realidade em que irão atuar profissionalmente. Essa atividade pode contribuir para desconstruir a ideia de que a docência no Ensino Superior é mais fácil ou que é suficiente dominar conhecimentos específicos para ministrar aulas, considerando que, mesmo nos cursos de licenciatura, os estudantes têm dificuldade de relacionar as teorias e os conteúdos trabalhados na universidade, com sua ação como artista/educador/pesquisador. Assim, para o exercício da docência universitária, é necessário, considerar além dos saberes específicos das áreas de conhecimento, outros saberes pedagógicos e didáticos. Por meio do Estágio de Docência, o pós-graduando tem a oportunidade de se aproximar da docência universitária.

No Curso de Artes Visuais (Licenciatura e Bacharelado) da UFPB, a disciplina ‘Leitura de Imagens’ é obrigatória para os dois cursos, uma vez ao ano, no 4º período, e compreende uma base teórica e conceitual que será utilizada ao longo de toda a formação inicial. Sua ementa traz os seguintes conteúdos: Especificidades da leitura de imagens; Esclarecimentos e distinções conceituais; Modalidades de leitura de imagem; Principais equívocos no processo de leitura de imagens; e A leitura de imagens e as singularidades do público receptor. Seu objetivo é de possibilitar a pesquisa e o estudo

teórico-prático da leitura de imagens e sua relação com o Ensino de Artes Visuais, por meio do exercício de leitura de imagens do meio artístico, da mídia e de imagens naturais, apresentadas em diversos suportes, como ambientes virtuais ou eletrônicos e imagens fixas ou móveis, e fomentar a pesquisa e a análise crítica do uso da imagem na prática pedagógica.

Os conteúdos da disciplina são trabalhados em três unidades: na primeira, discute-se sobre questões da Teoria da Semiótica (SANTAELLA, 2003) e da Semiótica Visual (PIETROFORTE, 2004); na segunda, trabalha-se a Gestalt do Objeto (GOMES FILHO, 2008); e na última, abordam-se a Iconografia e a Iconologia (PANOFSKY, 2002).

3 SEMIÓTICA VISUAL³

O vocábulo Semiótica - ou Semiologia - origina-se do grego (*semeiotiké - téchne*) e é definida como a arte dos sinais e dos signos. Representa a Teoria Geral dos Signos. O signo é toda e qualquer coisa que substitua ou represente outra, em certas medidas e para certos efeitos. Compreende-se que qualquer linguagem, seja verbal ou não, representa o objeto de estudo da Semiótica.

Quando se estudam os conteúdos característicos de um texto, do ponto de vista da Semiótica, a descrição deve ser realizada a partir do modelo de percurso gerativo de sentido porquanto o percurso gera o sentido. Em seu campo de atuação, a Semiótica também envolve a relação entre o conteúdo e a expressão e, principalmente, entre significante e significado. Nesse campo de estudo, o plano representativo dos conteúdos decorre do sentido e manifesta-se na expressão. Sua estruturação não deriva do plano expressivo da manifestação, mas da categoria semântica relevante e dos valores resultantes desse processo; dos objetos valorativos legitimados pelos sujeitos narrativos e sua narrativa; e da inserção em discursos, caracterizados pelos percursos figurativos.

A Semiótica possibilita a formação de elos comunicantes entre o verbal e o visual, por meio da figuratividade do plano de conteúdo, manifestado nas diversas possibilidades de expressão. Portanto, o percurso figurativo estabelecido entre o verbal e o visual pode ser representado por categorias fonológicas e categorias visuais, respectivamente.

³ Para aprofundar o conceito, consultar: PIETROFORTE, Antônio Vicente. *Semiótica Visual*. São Paulo: Contexto, 2004.

Pietroforte (2004) apresenta o plano de conteúdo verbal, aliado ao percurso figurativo, a partir das categorias sintáticas de pessoa, tempo e espaço e estabelece uma relação direta com o verbal e o visual, devido à harmonização entre ambas as figuratividades, pois a legenda e a imagem são simultaneamente redundantes, uma explicação recíproca expressa em fonemas e imagem visual.

Ao se ler um texto visual, por meio de ilustrações, como por exemplo, uma fotografia, faz-se uma relação direta com a realidade, por figurá-la objetivamente. Contudo, existem fotógrafos que dominam as técnicas oriundas das artes visuais que possibilitam transcender o estudo do seu objeto. O resultado ultrapassa a sensação de admiração e insere-se no prazer estético. Pode-se inferir que:

[...] Ao definir a significação como seu objeto de estudos, a semiótica desenvolve uma tecnologia de análise de texto que contribui bastante para responder à conhecida questão a respeito do que um texto quer dizer, ou seja, o que ele significa. Ao lado dessa questão, a semiótica responde também como ele diz aquilo que diz. A Semiótica plástica e a teoria dos sistemas semi-simbólicos, portanto, são parte dessa tecnologia, permitindo estudar o plano da expressão e suas relações com o plano de conteúdo (PIETROFORTE, 2004, p. 66).

O plano de expressão demanda um número variado de figuras entrelaçadas, por meio da veiculação de conteúdos, denominados na Semiótica de temas e pertencentes ao sistema semissimbólico. Esse sistema favorece a leitura figurativa da construção do sentido. Dessa maneira, a teoria semiótica possibilita que o leitor consiga interpretar a constituição do sentido e organizar um sistema e um percurso gerativo de sentido para a leitura de imagens.

4 GESTALT⁴

A Gestalt é um termo oriundo de “*Gestalten*”, em alemão, sem tradução específica para o português. Trata-se de uma teoria originada na Psicologia da percepção das formas, também chamada de Psicologia da Gestalt ou Psicologia da Percepção e desenvolvida no início do Século XX, fundamentada nos estudos de Max Wertheimer, Wolfgang Köhler e Kurt Koffka. Esses cientistas buscaram inspiração nos estudos psicofísicos, relacionando forma, percepção e função, objetivando compreender o funcionamento da capacidade humana de percepção visual da ilusão ótica, ou seja,

⁴ Para aprofundar o conceito, consultar: GOMES FILHO, João. *Gestalt do Objeto*. São Paulo: Escrituras, 2008.

[...] quando o estímulo físico é percebido pelo sujeito com uma forma diferente do que ele é na realidade. É o caso do cinema. Uma fita cinematográfica é composta de fotogramas com imagens estáticas. O movimento que vemos na tela é uma ilusão de ótica causada pelo fenômeno da pós-imagem retiniana (qualquer imagem que vemos demora um pouco para se 'apagar' em nossa retina). As imagens vão se sobrepondo em nossa retina e o que percebemos é um movimento. Mas o que de fato é projetado na tela é uma fotografia estática, tal como uma sequência de slides (BOCK, 2004, p. 3).

Os experimentos visuais formaram a base conceitual dessa teoria. Os cientistas compreendem que a percepção depende da ordem de apresentação das fontes visuais e da distribuição dos elementos individuais em uma composição. Com a máxima “[...] O todo é diferente da soma das partes [...]”, a maneira de se perceber o todo não é o resultado mecânico da junção dos elementos que o compõem, mas pode apresentar outra configuração. Segundo Gomes Filho (2000, p. 18), a Gestalt é a integração de partes em oposição à soma do todo.

Os estudos da Gestalt são aplicados à leitura de imagens nos mais variados campos. Nas Artes Visuais, favorecem o desenvolvimento de análises visuais formais, por atribuírem status de significação científica à percepção visual. Compreende-se que a Gestalt se aplica aos múltiplos conceitos em relação às percepções por meio dos sentidos, no que concerne aos formatos, às cores, aos ângulos e aos materiais. Nas Artes Visuais, também segue esses preceitos e pode ser usada para reproduzir as variadas sensações no espectador e as ressignificações oriundas do seu meio cultural.

A Gestalt é postulada a partir dos conceitos elaborados sobre a relevância da influência das formas na interpretação fisiológica, por meio da percepção sensorial, e representa desdobramentos nas diversas áreas do conhecimento. Para essa teoria, a noção de “forma” é um conceito central e diz respeito à compreensão da percepção do contorno fechado, da divisão entre o espaço interior e o espaço exterior. Tudo é uma questão de foco na observação e na sensação da forma. O observador tanto pode decompor a forma isolada quanto compreender o todo que o cerca. Diversos estudos apontam que, ao observar uma forma incompleta ou parcial, o ser humano tende a percebê-la completa, embora esse não seja um processo de mão única, já que a própria forma também impõe seus limites. Não vemos as formas isoladas, mas suas relações. Os princípios da Gestalt são aplicados aos elementos da linguagem visual da forma e baseados nas leis de sua percepção, que formam o princípio geral da harmonia, da ordem e do equilíbrio visual (GOMES FILHO, 2000).

As leis da Gestalt são: unidade, segregação, unificação, fechamento, continuação, proximidade, semelhança e pregnância da forma. Gomes Filho (2000) considera a pregnância da forma como a capacidade que a imagem tem de permitir uma leitura visual mais objetiva e rápida, que depende da organização formal da imagem. Por exemplo: a utilização de cores vibrantes pode conferir uma sensação diferente das sóbrias nas obras visuais ou transmitir intrinsecamente emoções variadas. A cor verde, por exemplo, é utilizada com frequência para simbolizar a cura.

Complementando esse argumento, tem-se a conceituação da influência exercida pela textura, bastante recorrente nas artes plásticas, devido à possibilidade de interagir sensivelmente com a peça, através da visão e do tato. Representa uma maneira mais concisa de exteriorizar as sensações, pois a textura do elemento utilizado é um ponto definitivo para a classificação conceitual da obra. Portanto, a partir dos elementos característicos dos fenômenos da percepção, a Gestalt procura explicar o modo de compreender o que se percebe, cujos elementos percebidos devem apresentar sensações de *equilíbrio, simetria, estabilidade, simplicidade e regularidade para atingir* a “boa forma”.

A imagem que se pretende compreender deve ser analisada em seus aspectos visuais elementares, de tal modo que a tendência à “boa forma” permita que os sujeitos participantes da experiência saibam interpretá-la.

5 ICONOLOGIA E ICONOGRAFIA⁵

Os conceitos de Iconografia e Iconologia perpassam os estudos de Panofsky (2002), que assevera que a “leitura” iconográfica de uma obra representa uma análise, e a “leitura” iconológica pode ser realizada por meio da interpretação.

Destaca-se que o termo ‘análise’ relaciona-se à decomposição de um todo em suas partes pertinentes dos seus respectivos elementos constituintes, em prol da classificação de cada um. Então,

[...] o sufixo “grafia” vem do verbo grego ‘*graphein*’, escrever; implica um método de proceder puramente descritivo, ou até mesmo estatístico. A iconografia é, portanto, a descrição e classificação das imagens, assim como a etnografia é a descrição e classificação das raças humanas; é um estudo limitado e, como que ancilar, que nos informa quando e onde temas específicos foram visualizados por quais

⁵ Para saber mais sobre esse assunto, consultar: PANOFSKY, Erwin. *O significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

motivos específicos. [...] a iconografia é de auxílio incalculável para o estabelecimento de datas, origens e, às vezes, autenticidade; e fornece as bases necessárias para quaisquer interpretações ulteriores. Entretanto, ela não tenta elaborar a interpretação sozinha (PANOFSKY, 2002, p. 53).

Iconologia é um campo de estudo das imagens que aborda a questão da interpretação das imagens a partir de sua história, em contraposição ao estudo meramente formal, sem desconsiderá-lo (PANOFSKY, 2002). Iconografia é um termo originário do grego “*graphéin*”, que significa escrever, e corresponde ao campo de estudo da descrição e da classificação das imagens. Assemelha ao estudo da Etnografia, que se refere à descrição densa dos estudos do comportamento de populações humanas (PANOFSKY, 2002). Segundo Panofsky (2002), a diferença entre a iconologia e a iconografia é que a primeira apenas classifica e descreve a imagem visual, e a segunda investiga, compreende e cria significação por meio dos nexos históricos.

No Estágio de Docência da disciplina ‘Leitura de Imagens’, do Curso de Artes Visuais da UFPB, utilizaram-se os conceitos propostos por Panofsky aplicados a leituras de imagens de obras de arte clássicas, modernas e contemporâneas. Foram disponibilizadas reproduções e originais de obras de arte tanto pelo professor quanto pelos estudantes e abordados os enfoques presentes nas pesquisas desenvolvidas para o trabalho de conclusão de curso e/ou dissertações de Mestrado nas áreas de Artes Visuais e de Ciência das Religiões dos estudantes matriculados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na disciplina ‘Leitura de Imagens’, o docente trabalhou as unidades na perspectiva teórico-prática. Para isso, aplicou leituras e promoveu debates sobre as teorias da Semiótica Visual, da Gestalt, da Iconologia e da Iconografia. Com os exercícios de leitura de imagens feitos na sala de aula, para cujo desenvolvimento foram aplicados os métodos citados acima, foi possível acompanhar, ao longo do semestre, as atividades desenvolvidas e fomentar a oralidade e a escrita dos estudantes do Curso de Graduação em Artes Visuais (Licenciatura e Bacharelado) e de Ciência das Religiões matriculados na disciplina no semestre 2015.2.

As imagens trabalhadas não ficaram restritas ao estudo de reproduções de obras de arte, porquanto também foram amplamente abordadas leituras de fotografias, ilustrações, obras de arte clássicas, modernas e contemporâneas, arquitetura, design, história em quadrinhos, vídeo etc., além de obras originais, que absorveram o vasto

campo da cultura visual e das visualidades. As imagens utilizadas em sala de aula foram projetadas digitalmente ou impressas em policromia e utilizadas em dinâmicas de grupo.

Um dos exemplos de leitura de imagens trabalhado na sala de aula foi a da obra ‘Guernica’, de Pablo Picasso (**Imagem 01**), cujo original faz parte do acervo permanente do Museo Reina Sophia, em Madrid (Espanha). É a obra mais importante do acervo do Museu exposta na coleção permanente, em uma sala específica, a mais visitada do Museu. As reações foram as mais diversas: houve grupos de estudantes que disseram que conheciam a obra, mas não gostavam dela; uns referiram que gostavam da proposta; alguns estudaram pintura quando jovens, outros nunca tinham tido acesso a materiais e a meios para pintar, e alguns que já conheciam e apreciavam.

Imagem 1: Guernica – Pablo Picasso



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/museoreinasofia/3490470271>

A leitura da imagem foi realizada em grupo, em sala de aula. Inicialmente, os alunos foram estimulados a descrever os elementos que havia na imagem, como: o touro, o cavalo, a mãe com o filho morto nos braços, pessoas em desespero, um corpo caído etc. Continuando o processo, estimulamos a leitura formal da imagem, e os estudantes identificaram os seguintes pontos:

- a) Composição: assimétrica, plana, horizontal, sem perspectiva e com figuras planas;
- b) Dimensões: 3,50m X 7,82m;
- c) Cores: monocromática, com predominância de tonalidades em preto e branco;
- d) Textura: pintura predominantemente plana, com acentuado contraste entre claro e escuro, baseado no positivo/negativo;
- e) Conteúdo: guerra civil espanhola, fragilidade da vida; arte moderna, cubismo;
- f) Links: relação entre a Guernica e obras de outros artistas.

Depois de identificar os elementos da composição, os estudantes foram convidados a articular os elementos destacados acima, apresentarem a leitura individual sobre a obra em questão e ressaltarem sua história, o contexto de produção e a contribuição para a área.

Ao longo do semestre, o conhecimento teórico da disciplina foi sendo ampliado e aplicado na prática por meio de exercícios de leitura de imagens. Os alunos tiveram a oportunidade de apresentar seminários e de ler imagens de obras de artistas paraibanos. Ao longo da disciplina, foi possível fazer as seguintes ações:

1. Estudar as principais propostas de leitura de imagens aplicadas no ensino de artes visuais;
2. Vivenciar experiências teórico-práticas sobre a leitura de imagens e o ensino de artes visuais;
3. Conhecer as principais teorias relacionadas à leitura de imagens;
4. Debater sobre a função da leitura de imagens na formação continuada do educador e na formação dos aprendentes nos diversos momentos do ensino formal e do informal.

Diante do exposto, considera-se que esta pesquisa pode ser tomada como exemplo para a aplicação da leitura de imagens na formação inicial do artista/pesquisador/educador que atua no campo das visualidades. A disciplina favorece a aproximação entre a teoria e a prática no campo da leitura de imagens.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the contribution of teaching assistance to the discipline "Image Reading" for the Visual Arts training students of the Federal University of Paraíba (UFPB). This research is qualitative (MINAYO, 2010) with case study (YIN, 2010) and was developed in the period between March and June 2016, with the use of participant observation techniques and questionnaires with the students. Considering the importance of technical training and knowledge about image reading for the artist/educator/researcher, we understand the course as a foundational structure to students who will deal in their everyday lives with artistic production, art theory and/or act as educators in the visual arts. The Image Reading course has a workload of 45 hours, 3 credits, with an introduction to visual semiotics (PIETROFORTE, 2004), Gestalt Theory (GOMES FILHO, 2008), the iconography and iconology (PANOFSKY, 1995). The results showed the need to expand the theoretical and practical studies of image reading in the Visual Arts major; 90% of the defendants said they would like to continue studying techniques of research on the subject and identified the applicability of the contents in different areas.

Keywords: Visual Arts. Teaching Internship. Image Reading

REFERÊNCIAS

- BOCK, Ana Maria. *Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2004.
- GOMES FILHO, João. *Gestalt do objeto*. São Paulo: Escrituras, 2008.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- PANOFSKY, Erwin. *O significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- PIETROFORTE, Antônio Vicente. *Semiótica Visual*. São Paulo: Contexto, 2004.
- PIMENTA, S.G. *O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Lea das Graças Camargo. *Docência no Ensino Superior*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Docência em Formação).
- PIMENTA, S.G; LIMA, M.S.L. *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez, 2004.
- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento de métodos*. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.